

Uma Pequena Contribuição

Constantin Constantius (Søren Kierkegaard)

Tradução

Paulo Abeⁱ

Apresentação

O texto *Uma Pequena Contribuição* escrito por Søren Kierkegaard sob o pseudônimo Constantin Constantius se trata da segunda versão de sua tréplica à do Professor Heiberg ao livro publicado em 16 de outubro de 1843 como *A Repetição* (*Gjentagelse*) – também assinada por Constantin Constantius –, que se encontra traduzido para o português de Portugal pela Elisabete M. de Sousa na editora Relógio D'água. Nesta versão, encontramos diversas páginas que se repetem em sua primeira tentativa intitulada de *Carta Aberta a Heiberg*, mas que tampouco fora publicada. O Professor Johan Ludvig Heiberg (1791-1860) entre 1822-25 lecionava em Kiel, na Alemanha; durante 1828 e 1829 foi contratado como poeta e tradutor no Teatro Real; e após 1829 foi professor de lógica, estética e literatura na Faculdade Real Militar. Em 1843, fez uma crítica tanto da obra de Kierkegaard *Ou-Ou* (*Enten-Eller*) como de *A Re-*

petição. Esta última que nos importa se chamou *O Ano Astronômico* (*Det astronomiske Aar*).¹ Em 1844, Heiberg retoma a temática da repetição em seu livro sobre astronomia chamado *Urania*, que foi publicado numa coleção literária chamada *Presente de Ano Novo* (*Nytaarsgave*). Era considerada uma edição de luxo em contraste com a simples encadernação simples dos livros de Kierkegaard. Essa tradução tem sua importância para um pesquisador por quatro razões: 1) Entender que tipo de recepção o filósofo dinamarquês teve de seus contemporâneos, algo não tão divulgado e mesmo feito, dado que foi traduzido tardiamente a outras línguas; 2) Compreender quem são seus interlocutores, neste caso, Heiberg, que será citado direta ou indiretamente em outros trabalhos; 3) Questionarmos por que Kierkegaard, por fim, não publicou essa resposta – ou por que não *repetiu* suas razões. O texto a seguir se encontra

ⁱDoutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Graduado em Filosofia pela USP. E-mail: pauloal-tro@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7842-2719>.

¹Cf. SKS K 15, 63, 11.

na coleção de papéis avulsos e dos diários de Kierkegaard, por isso é referido como *Papers* ou *Pap*. É uma continuação do *Pap*. IV B 112, *que com algumas variações é uma versão dos últimos dois terços*

do Pap. IV B 110 até 117 nd, 1843-44, que, no entanto, se apresenta na coleção dinamarquesa como SKS 15, 61-85 em <http://sks.dk/PMH/txt.xml>.

Tradução

Já que eu mesmo publiquei um pequeno livro postulando a crença na repetição, eu, sim, certamente teria que estar enlouquecido para não aceitar com alegria uma comprovação significativa quando oferecida de uma maneira lisonjeira a mim. Nem mesmo uma pessoa de menor crença seria levada a acreditar na repetição ao ver como aquilo que foi dito por um subalterno obscuro em um livro modesto, sim, quase mal-feito, é ganho por ser repetido pelo famoso Professor Heiberg em um livro extremamente lustroso e elegante presente de Ano Novo,² como também é elevado à esfera mais elevada, pois os céus estrelados são realmente os mais elevados de todos, com o que todos concordam, e apenas Arv e Jesper Ridefoged supõem que o céu cristalino é ainda mais alto? E como poderia deixar de me sentir lisonjeado ao ver meus pobres pensamentos brilhando como estrelas em seu céu! Na verdade, confesso que quando os vi im-

pressos naquelas belas letras em toda aquela distinta companhia, não pude reconhecê-los a princípio, e quando os reconheci, fiquei comovido da maneira como pais indigentes ficam comovidos quando veem seus filhos se tornando proeminentes, mas, como pais indigentes, também hesitei em ousar me permitir minha velha familiaridade com eles.

Mas o significado da repetição se manifesta em um sentido mais profundo nesta ocasião em que o que eu expressei de forma mais obscura se³ tornou lúcido por sua correção, Professor, porque o que eu disse, já bonito e apropriado de certo modo, realmente se tornou muito bonito e apropriado através da correção que recebeu em sua elaboração. Não conheço maneira mais adequada de descrever o quão bela é a coisa toda.

Em uma discussão sobre a repetição, o tratado "O Céu Estrelado",⁴ com o qual você embelezou seu elegante presente de Ano Novo, contém a correção mencionada acima do que eu disse so-

²Refere-se ao livro *Urania* de Heiberg. (N. T.)

³Na margem: e erroneamente.

⁴Referência ao artigo de Heiberg, *Stjernehimlen*. (N. T.)

bre a repetição. O tratado em si tem um escopo mais abrangente, mas felizmente apenas uma pequena parte dele me preocupa, e felizmente sou capaz de compreender essa parte menor. Felizmente também me atrevo a me sentir um pouco confiante de poder dizer uma palavra sobre ela.

Digo “felizmente”, pois certamente seria uma figura lamentável se de alguma forma assumisse a primeira parte, as sessenta páginas de tabelas.⁵ Quando comprei o livro e o abri e vi a página 1, Tabela, e virei a página e vi a página 2, Tabela, e continuei a virar as páginas, não fui além da página 30 antes de desmaiar ao ver⁶ este número infinito e também ao pensar em quão erudito você deve ser, Professor. Nunca fui muito bom com números e, na medida em que possa haver um pouco de compreensão a esse respeito, isso não vai muito longe. Mas isso eu percebi (algo que meu barbeiro, que foi convocado por ocasião do meu desmaio, também pensou): o que temos aqui não é *regula Detri* [a regra de três], seja ou não *regula Petri*, ou seja, o que for isto é.

Digo "felizmente", pois, com relação à última parte do tratado, é mais compreensível, no entanto, compreendê-lo, para não dizer nada em responder a ele, pressupõe um conhecimento tão multifacetado de astronomia que um estudante como eu, que tirou apenas C+ em

astronomia no exame de estudos gerais e nunca mais me preocupou com essa ciência, sabe apenas o suficiente para poder perceber o quão pouco sabe sobre ela. Portanto, sou capaz de lê-lo e, se me esforçar, entendo bastante bem, mas nunca poderei ter certeza de tê-lo entendido, para não falar de ser temerário o suficiente para me considerar capaz de ter uma opinião sobre ele. Felizmente, em relação a tudo isso, não preciso ser mais que um leitor, como *pro virili* [de acordo com minha capacidade] tentei muito ser. Tal como nos meus primeiros dias, quando acreditava ser capaz de compreender as tuas conquistas, professor, tive o prazer de compreender e então, depois do esforço, relaxei nos braços da admiração; assim agora minha admiração por suas realizações posteriores não é menos, mas diferente, indefinível, feminina e entusiástica, que muito provavelmente compartilho com muitos de meus contemporâneos, que, como eu, aguardam suas conclusões com grande expectativa, mesmo que eles, assim como eu, modestamente deixem para os especialistas da área julgarem se seus estudos astronômicos, astrológicos, quiromânticos, necromânticos, talismânticos, cronológicos, horoscópicos e metacópicos mais recentes beneficiarão a ciência e a humanidade.

O julgamento para se o professor de todas essas artes e ciências pode ser a

⁵Primeira parte de *Urania*. (N. T.)

⁶Na margem: a visão repetida.

cura da melancolia de uma época; o julgamento para se ele será bem-sucedido, depois de ter encontrado a congregação procurada em seu último poema⁷, e depois voltar seu olhar para o céu, como

ele⁸, como aquele conselheiro celestial, dá um bom exemplo para a congregação. – *Pap.* IV B 110 nd, 1843-44. SKS 15, 61-66.

Continuação do Pap. IV B 112:

O livro "A Repetição" é acompanhado por uma carta ao "verdadeiro leitor do livro". Aprendemos com esta carta que eu, "como Clemente de Alexandria, tentei escrever de uma maneira que os heres não conseguissem entender".⁹

Quando aplicado no âmbito da liberdade individual, o conceito de repetição tem uma história, na medida em que a liberdade passa por várias etapas para se atingir. (a) A liberdade é primeiro qualificada como desejo [*Lyst*] ou como estando no desejo. O que ele agora teme é a repetição, pois parece que a repetição tem um poder mágico para manter a liberdade cativa, uma

vez que ela tenha a enganado em direção ao seu poder. Mas apesar de toda a engenhosidade do desejo, a repetição aparece. A liberdade no desejo se desespera. Simultaneamente, a liberdade aparece em uma forma superior, (b) Liberdade qualificada como sagacidade. Por enquanto, a liberdade tem apenas uma relação finita com seu objeto e é qualificada apenas esteticamente de forma ambígua. Supõe-se que a repetição existe, mas a tarefa da liberdade na sagacidade é continuamente ganhar um novo aspecto de repetição. Esta fase foi expressa em — para mencionar um trabalho mais recente — “Rotação de cul-

⁷*En Sjæl efter Døden.*

⁸Provável alusão a Justice Rasmus Stiernholm (1790-1856), colega de Heiberg. Cf. SKS K 15, 65, 21.

⁹Pode muito bem parecer curioso para um autor decidir escrever dessa maneira, mas isso pode ser explicado. Embora a literatura hoje demonstre que praticamente nada está sendo feito (exceto pela contribuição de um homem solteiro e solitário, que presumivelmente pertence à Dinamarca, na medida em que é seu orgulho e honra, mas às vezes até escrevendo em uma língua estrangeira faz o que ele tem o direito de fazer, estabelecer um critério europeu para o seu trabalho), mal se ouve uma palavra por causa das promessas, toques de trombeta, ambulante de assinatura, brindes, anúncios, garantias, elogios, etc. Nesse movimento simulado, o ano avança. Na época do Natal, há uma comoção na literatura, porque vários presentes de Ano Novo muito lustrosos e elegantes, destinados a crianças e árvores de Natal e especialmente úteis como presentes de bom gosto, competem entre si no *Adresseavisen* [possível nome de um jornal da época] a fim de ser, após criarem furor por quatorze dias, atribuído por um crítico cortês a um lugar em alguma antologia como modelos inspiradores para todos os escritores de literatura estética em bom estilo. Estilo estético refinado — essa é a palavra de ordem. E o estilo estético refinado é uma questão séria e mortal, para a qual a pessoa treina abandonando ideias e pensamentos. Em tal ambiente literário, não é inexplicável que um autor deseje evitar a opinião pública e deixar um livrinho, com uma consciência tranquila de si mesmo, passar tão despercebido e tão contido quanto possível. A este respeito, a longa temporada da Trindade é uma época muito boa do ano se alguém deseja ser isento de ser rodopiado na corrida do Ano Novo 82 de pedintes literários, e se alguém, despreocupado, renuncia às multidões de compradores e leitores e infinitamente prefere isso a um livro encadernado em papelão muito lustroso e elegante para ser distribuído às pessoas na época do Ano Novo.

turas” (em *Ou / Ou*). “Rotação de culturas” faz parte de *Ou/Ou* e, portanto, essa visão também aparece em sua injustificabilidade. Pessoas que em liberdade não têm nenhuma relação mais elevada com a ideia geralmente embelezam esse ponto de vista como a sabedoria mais elevada. Mas, uma vez que a liberdade qualificada como sagacidade é apenas finitamente qualificada, a repetição deve aparecer novamente, ou seja, a repetição da trapaça com a qual a sagacidade quer enganar a repetição e transformá-la em outra coisa. A sagacidade se desespera. (c) Agora a liberdade irrompe em sua forma mais elevada, na qual é qualificada em relação a si mesma. Aqui tudo se inverte, e surge exatamente o oposto do primeiro ponto de vista. Agora, o interesse supremo da liberdade é precisamente ocasionar a repetição, e seu único medo é que a variação tenha o poder de perturbar sua natureza eterna. Aqui surge a questão: *a repetição é possível?* A própria liberdade é agora a repetição. Se fosse o caso em que a liberdade na individualidade relacionada com o mundo circundante pudesse ficar tão imersa, por assim dizer, no resultado que não pudesse se retomar (repetir-se), então tudo estaria perdido. Consequentemente, o que a liberdade teme aqui não é a repetição, mas a variação; o que ela quer não é variação, mas repetição. Se esta vontade de repetição é estoicismo, então ela se contradiz e, assim, termina por se autodestruir para afirmar a re-

petição dessa forma, o que é o mesmo que jogar uma coisa fora para escondê-la com mais segurança. Quando o estoicismo se afasta, apenas o movimento religioso permanece como a verdadeira expressão da repetição e com a eloquência apaixonada da liberdade preocupada proclama sua presença no conflito.

O que é desenvolvido em (c) [*isto é, Pap. IV B 117, pp. 281-82*] era o que eu queria expor n’A *Repetição*, mas não de uma forma científica-acadêmica, e menos ainda de uma forma científico-acadêmica no sentido de que cada caixa em nosso banco filosófico poderia contar 1, 2, 3. Queria retratar e tornar visível psicológica e esteticamente; no sentido grego, eu queria deixar o conceito surgir na individualidade e na situação, avançando por meio de todos os tipos de mal-entendidos. Para que sua inclusão fosse admissível, esses mal-entendidos tiveram que se legitimar como situações espirituosas ou intrigantes, ou como humores diferenciados, ou como esquisitices irônicas. Achava que devia a meu leitor e a mim mesmo salvar minha alma de dar instrução, com seriedade e com a pompa de um escrivão, sobre o que se deve presumir que todos saibam. Assim, as repetições (a) e (b) zombam constantemente da repetição (c). Assim como às vezes acontece na vida que um dono de uma cervejaria, por exemplo, se parece muito com o rei ou alguma outra pessoa histórica mundial e que ao ver o

dono da cervejaria alguém é enganado e depois sorri para o engano, da mesma forma que é enganado pela repetição (a) e (b) em relação à repetição (c). Assim como na rua ouve-se a menor parte da performance de um flautista solitário, e quase instantaneamente o barulho das carruagens e o barulho do tráfego tornam necessário até mesmo para o vendedor ambulante de Amager (região sul de Copenhague) gritar para que a madame parada possa ouvir o preço de sua couve, e então, por um instante, tudo fica quieto e ouve-se novamente o tocador de flauta, da mesma forma que na primeira parte a repetição (c) é continuamente interrompida pelo barulho da vida. Assim como um homem que sabe esconder uma observação mais profunda da vida em uma simples palavra se senta na sala conversando com várias pessoas que falam a mesma palavra, e ele agora vê nos lábios de uma jovem o que ela realmente quer dizer com esta palavra e depois diz por ela, para sua alegria, embora ela saiba que é um mal-entendido e por trás da orelha do homem experiente vê o que ele quer dizer e permite que isso venha à tona, embora ela saiba que é um mal-entendido, e então, ocasionalmente, ele intercala uma palavra de sua própria reflexão mais profunda — da mesma maneira, a repetição (c) se desenvolve na primeira parte por meio da tagarelance de salão. Eu mesmo interpreto o estoico para ficar um pouco superior que (a) e (b), a fim de sugerir *in abs-*

tracto o que não pode ser realizado [*realisere*] *in abstracto*, e nesse ínterim eu maieuticamente arrumo tudo apropriadamente para o jovem que deve descobrir realmente o que aparece definido na segunda parte: repetição (c). Assim como o próprio Jovem é uma exceção na vida, também o é a repetição (c), que, como ele, tem que lutar contra os mal-entendidos. O problema do jovem é se a repetição é possível. Enquanto isso, parodiei isso para ele com antecedência ao empreender uma viagem a Berlim para ver se a repetição era possível. A confusão consiste nisto: o problema mais interior da possibilidade de repetição exprime-se externamente, como se a repetição, se fosse possível, se encontrasse fora do indivíduo, quando na verdade deve ser encontrada dentro do indivíduo, razão pela qual o Jovem realmente faz exatamente o oposto, se comporta com bastante calma. A consequência da viagem é que eu me desespero com a possibilidade e me afasto para o Jovem, que por meio de sua primitividade religiosa vai descobrir a repetição. Passo a passo, educado pela vida, ele vai descobrindo a repetição. Em sua aflição, parece-lhe que Jó experimentou repetição porque recebeu tudo em dobro. Mas o que realmente o atrai em Jó é que Jó estava certo. Agora tudo gira em torno disso. O destino pregou uma peça nele e o deixou se tornar culpado. Se for assim, ele não poderá mais voltar. Seu ser foi dividido e, portanto, não é uma questão de re-

petição de algo externo, mas de repetição de sua liberdade. “Ele ficaria feliz se a tempestade viesse, mesmo que sua sentença fosse que nenhuma repetição é possível.” Ou seja, a tempestade deve provar que ele estava certo, é tudo o que ele pede. Agora a providência intervém para ajudar, resgata-o de seu enredamento, e ele exclama: “Não há então uma repetição? Eu não recebi tudo em dobro? Eu não recebi a mim mesmo de novo e precisamente na maneira que pudesse ter um duplo sentido de seu significado? Comparada a tal repetição, o que é uma repetição de poses mundanas, que é indiferente à qualificação do espírito?” Em minha carta anexa, eu digo: “O Jovem explica a repetição como a elevação de sua consciência à segunda potência.”

Tudo o que é crucial que é dito sobre a repetição está na segunda parte do livro, começando na página 79 [*ie*, SV III 214], e para despertar a atenção do leitor, é novamente intitulado “Repetição”.¹⁰ O que quer que seja dito antes é sempre uma brincadeira ou apenas relativamente verdade, adequadamente ilustrada pelo fato de que eu, que disse, desespero da possibilidade, 89 e a página 92 [*isto é*, SV III 221-22] lê, “Eu sou incapaz de fazer um movimento religioso; é contrário à minha natureza”. Ainda assim, não nego a realidade [*Realiteten*] de tal coisa ou que se pode aprender muito com um jo-

vem. Além disso, diz na carta “que em relação ao Jovem eu sou uma pessoa em extinção”, “cada movimento que fiz foi apenas para lançar luz sobre ele”, “ele esteve em boas mãos desde o início, ainda que eu frequentemente tivesse que provocá-lo para que ele próprio pudesse emergir”.

Se se deseja ilustrar que o significado da repetição no mundo da individualidade é diferente do seu significado no mundo da natureza e em uma simples repetição, não creio que se possa fazê-lo de forma mais definitiva. Quando a repetição é definida dessa forma, ela é: transcendente, um movimento religioso em virtude do absurdo — quando o limite do maravilhoso é alcançado, a eternidade é a verdadeira repetição. Portanto, creio ter me expressado de forma bastante inteligível para o verdadeiro leitor do livro, a quem imploro — como quase imploro ao livro — que me perdoe se distorcer sua individualidade ao revelar o que preferia esconder em si mesmo e apenas desejava confiar ao verdadeiro leitor como o significado da brincadeira, tornando-o mais claro aos olhos de um estranho ao acaso, embora desejasse continuar a viver o mais discretamente possível aos olhos do público, mas também desejava ser salvo por sua insignificância da autovalorização das correções.

Passemos agora ao Prof. Heiberg e seu dourado presente de Ano Novo,

¹⁰A carta explicativa diz, portanto, “que o movimento do livro é inverso”.

mas não esqueçamos que suas citações não vão além da p. 40 [ie, SV III 192] e que ele não discute o resto em uma única palavra. Visto que meu livrinho agora é infeliz o suficiente para assumir tal importância que pode se tornar o objeto de correção, então isso deve ser aplicado à última parte do livro, onde a repetição é proposta pela primeira vez, enquanto tudo o que antes é apenas uma brincadeira ou afirmações relativas, algumas das quais podem ser verdadeiras, mas ainda são verdadeiras apenas completamente *in abstracto*

e, portanto, no que diz respeito à realização [*Realisationen*], têm de ser retratadas, o que é ilustrado pelo meu desespero. Mas sejam essas várias declarações o que quiserem — em nenhum lugar, seja na primeira ou na última parte, há menção da observação da repetição na natureza. Falei apenas da importância da repetição para o espírito livre individual, o que é bastante apropriado quando alguém, como diz o título, se aventura a experimentar [*experimenterende*: construir imaginativamente] a psicologia.

Na formulação do Professor Heiberg, a repetição é contínua

Há repetição na natureza, e aqui ela se proclama como lei, cuja observação é a observação mais ideal da repetição. Se uma explicação mais explícita é solicitada sobre como o espírito finito está e pode estar envolvido nessa repetição, o desenvolvimento deste ponto é o conteúdo principal do tratado do professor. Pelo que eu entendo, sua intenção é abrir os olhos e os sentidos de uma pessoa para a repetição nos fenômenos naturais, para tornar seu coração sensível a ela e simpático a ela. Todo o crédito a esse respeito — atualmente incalculável quanto à sua grandeza ou pequenez, algo sobre o qual não me atrevo a ter qualquer opinião — pertence exclusivamente ao Prof. Heiberg. Nem uma palavra é dita sobre isso em meu

livrinho, e certamente ninguém pode se esforçar mais honesta e meticulosamente do que eu para permitir que o serviço positivo do professor à humanidade permaneça completo e integral. Se meus próprios olhos e coração se abrirem para essas observações celestiais, ah, não terei dúvidas de que este tratado inicialmente despertou em mim o que precisaria de tempo para se revelar mais claramente. — Até este momento, eu compreendi apenas isso: apenas na relação da liberdade com a tarefa da liberdade há seriedade; onde quer que o espírito se relacione com algo de tal maneira que não seja liberdade, a observação cômica é tão legítima quanto a sentimental, precisamente como legítimo. Portanto, nada oferece uma crí-

tica tão severa, mas também segura, da elasticidade de uma individualidade como descobrir por observação ou por algum outro meio chegar a saber com qual fenômeno ele se relaciona seriamente.

A repetição está no reino do espírito. Mas aqui significa mais, já que “devemos ver o desenvolvimento que acompanha a repetição e que de certa forma anula a repetição per se”. Consequentemente, a repetição está no reino do espírito, mas é um desenvolvimento. Agora chegamos à correção. Supõe-se que isso eu tenha esquecido, e aquelas palavras do professor — que, com certeza, não são douradas como as de Goethe, mas, pelo menos, são encontradas em um livro dourado — também contêm a correção. Somente uma pessoa irrefletida pode ter lido *A Repetição* e não descoberto que precisamente isso é definitivamente proposto, ilustrado e expresso ali. Mas, por uma questão de ordem, já citei algumas passagens às quais me refiro a qualquer um que possa ter esquecido o objetivo total e definitivo d’*A Repetição*, que é muito mais do que alguns comentários perdidos. Na carta explicativa, está escrito: “O Jovem explica isso como a elevação de sua consciência ao segundo poder.” Esta certamente deve ser a expressão mais definitiva do fato de que concebo a repetição como um desenvol-

vimento, pois a consciência elevada à sua segunda potência não é de fato uma repetição sem sentido, mas uma repetição de tal natureza que o novo tem significado absoluto em relação ao que aconteceu antes, é qualitativamente diferente disso. Eu me pergunto: quem o Professor queria beneficiar com sua correção? Pode não ser do interesse de muitos que não leram o livro, e os poucos que o leram não precisam dele. Ou fui eu, talvez, a quem o professor desejava beneficiar. Nesse caso, o professor teve a ideia de que sou culpado do erro de não distinguir entre o significado da repetição na natureza (da qual eu não falei) e seu significado no reino do espírito (da qual acabei de como definitivamente disse a mesma coisa que ele e ilustrou). Agora, se o professor Heiberg agarrou essa opinião do nada, então ele deveria ser informado de que ele não deveria parar de ter dito isso, mas deveria continuar e explicar como aquilo que não aconteceu. Como as propriedades de certos condes, esse assunto que precisa ser explicado está na lua — não é de se admirar, então, que a explicação aspire ali onde está o desejo do professor! O professor atribui meu erro ao fato de eu realmente ter tido as categorias da natureza em mente em meu elogio à repetição,¹¹ e o fato de que eu fiz isso “parece ser evidente por ele tê-lo aplicado (o conceito de repetição) a um

¹¹Nota. O leitor, por favor, irá [notar] que o professor encontrou este elogio nas páginas 2 e 3 [isto é, SVIII 4-5, segunda e terceira páginas do texto] e em parte na p. 34 [ie, SV III 189], mas nenhuma palavra da última parte foi permitida ser incluída no elogio que o professor é tão bom a ponto de me deixar fazer.

conceito da filosofia natural, a saber, o movimento”. Ora, se o que o próprio professor propõe é fixo e firme, essa repetição pertence tanto à esfera do espírito como à da natureza, mesmo que signifique uma coisa na primeira e outra na última, então segue-se o fato de que esse movimento também pertence à esfera do espírito. Em nossos dias, alguns foram tão longe que até desejaram ter movimento na lógica. Lá, eles chamam a repetição de “mediação”. Mas o movimento é um conceito que a lógica simplesmente não pode suportar. A mediação, portanto, deve ser entendida em relação à imanência. Assim entendida, a mediação não pode mais ser usada na esfera da liberdade, onde o subsequente sempre emerge — em virtude não de uma imanência, mas de uma transcendência. Portanto, a palavra "mediação" contribuiu para um mal-entendido em lógica, pois permitiu que um conceito de movimento fosse anexado a ela. Na esfera da liberdade, a palavra "mediação" voltou a causar danos, porque, partindo da lógica, ajudou a tornar ilusória a transcendência do movimento. Para evitar esse erro ou esse duvidoso compromisso entre o lógico e a liberdade, pensei que a "repetição" poderia ser usada na esfera da liberdade. Que pressupõe movimento está perfeitamente em ordem e é essencialmente admitido pelo Prof. Heiberg quando ele mesmo declara que a repetição na esfera do espírito significa algo diferente do que significa na esfera da

natureza e, conseqüentemente, como observado acima, declara que está presente em ambas as áreas. Mas digo isso apenas para argumentar por um momento a partir de premissas admitidas. Se o professor decidir negar tê-lo dito, isso não me importa; meu pequeno pensamento filosófico tem a boa característica de não ficar nem cair com o Prof. Heiberg, não mais do que o que ele diz em geral é qualificado para impedir o desenvolvimento de quem não deixou de se familiarizar com a filosofia alemã, a fim de aprender com os mestres o que se aprende preferencialmente e mais proveitosamente com eles. O movimento é dialético, não apenas no que diz respeito ao espaço (em cujo sentido ocupou Heráclito e os eleatas e depois foi muito usado e mal utilizado pelos céuticos), mas também no que diz respeito ao tempo. A dialética em ambos os aspectos é a mesma, pois o ponto e o momento correspondem um ao outro. Como não pude citar duas escolas nas quais a dialética do movimento com respeito ao tempo seja expressa tão explicitamente quanto Heráclito e os eleatas a expressam com respeito ao espaço, nomeei-as. Dessa forma, também consegui lançar uma luz cômica sobre a viagem que fiz a Berlim, porque o movimento tornou-se um trocadilho. Todas essas coisas são permissíveis em um livro que não pretende ser um trabalho científico e cujo autor, revoltado com a maneira não científica como a cientificidade é alardeada, prefere ficar fora

desse tumulto e, longe de pontificar trivialidades, tem sua alegria ao pressupor que o leitor tenha o maior conhecimento possível. Quando o movimento é permitido em relação à repetição na esfera da liberdade, então o desenvolvimento se torna diferente do desenvolvimento lógico em que a *transição se torna* [vorder]. Na lógica, a transição é o silêncio do movimento, enquanto na esfera da liberdade ela se torna. Assim, na lógica, quando a possibilidade, por meio da imanência do pensamento, se determinou como atualidade, só se perturba o autofechamento silencioso do processo lógico falando em movimento e transição. Na esfera da liberdade, entretanto, a possibilidade permanece e a realidade emerge como uma transcendência. Portanto, quando Aristóteles disse há muito tempo que a transição da possibilidade para a realidade é um [movimento, mudança], ele não estava falando de possibilidade e realidade lógicas, mas da liberdade e, portanto, ele postula o movimento apropriadamente. Em toda a filosofia de Schelling, o movimento também desempenha um papel importante, não apenas na filosofia da natureza (*stride sic dicta* [no sentido estrito]), mas também na filosofia do espírito, em toda a sua concepção de liberdade. O que mais lhe dá trabalho é exatamente isso, incluir o movimento. Mas também é para seu crédito que ele quis

incluir-lo, não no sentido engenhoso em que mais tarde ganhou um lugar na lógica na filosofia hegeliana e, então, a partir da lógica acrescentou-se à confusão por significar muito na lógica e muito pouco fora dela. Mas eu admito prontamente que existem muitos problemas restantes aqui, e eu aceito com gratidão qualquer correção que, por favor, note, corrige reconstruindo trivialidades e acima de tudo não fale de tal forma sobre o significado da repetição no mundo de espírito de que as próprias palavras se contradizem, pois o "mais"¹² que quase anula a repetição e a transforma em outra coisa não é visível nem audível.

Até certo ponto, o professor acha provável que eu tivesse principalmente as categorias da natureza em mente, visto que aquilo que “tento para o que se chama de filosofia de vida, mas em algo assim, uma associação simpática com a natureza seria um elemento fator essencial.” Pode muito bem ser. Teria de ser uma pessoa muito inexperiente que negaria isso ao rosto do Prof. Heiberg, se não fosse mais explicitamente determinado se por um filósofo com visão de vida ele se refere a um pastor caldeu que olha para as estrelas¹³ ou se ele quis dizer outra coisa com isso. O único filósofo de visão de vida histórica mundial que já viveu é Sócrates. É de conhecimento geral que ele

¹²Na margem: que o professor diz que devemos ver.

¹³Na margem: † ou um filhote fantasioso que deseja reintroduzir o modo de vida nômade, ou um monstro, um troglodita ou um funcionário aposentado que fica no campo e simpatiza com a natureza.

era completamente indiferente à simpatia pela natureza. Quando um autor “se aventura em experimentar [*experimenterende*: construindo imaginativamente] psicologia”, não há probabilidade de que o que o preocupará será a simpatia com os fenômenos da natureza. Mas esta improbabilidade é tão adequada quanto a prova “provável” daquilo que deve ser explicado e demonstrado, ou da correção, e assim como isso não está aqui nem ali, também a explicação e a prova não estão aqui nem lá.

A repetição está no reino do espírito (de acordo com o Prof. Heiberg). Mas a expressão “reino do espírito” tem vários significados. Pode significar espírito-mundo e espírito individual.

A repetição está no espírito-do-mundo. Para esclarecer a distinção entre a repetição nesta esfera e aquela nos fenômenos da natureza, o professor afirma: Embora tal processo não seja encontrado na natureza, no reino do espírito cada nova geração vai além da anterior e usa suas conquistas para começos genuinamente novos, isto é, para aquilo que leva a algo genuinamente novo. No sentido prenhe, essa sabedoria tem a notável característica de sempre vir depois e de beneficiar todas as gerações que passaram para sua felicidade eterna, enquanto em conexão com as questões da liberdade não explica absolutamente nada. Além disso, a tese, formulada com precisão, é tão familiar quanto uma canção de ninar, mesmo

para os alunos mais jovens; é algo que mesmo um pobre coitado que falha em sua compreensão pode recitar de cor, mesmo que ele não saiba nada, algo que os tutores dizem apenas aos seus alunos mais novos e incluem até mesmo no curso de uma dracma mais curto. Assim, sem se tornar culpado de superficialidade culposa, ousa pressupor isso como conhecimento comum e, sem se expor à acusação de confiança supersticiosa na humanidade, ousa supor que quem ocasionalmente escreve sobre coisas filosóficas não o ignora. E, portanto, não deve ser corrigido por uma repetição sem sentido de uma frase.

Mas, na verdade, também existe um reino de espírito, e este é um reino de indivíduos. A repetição não deveria se tornar um problema aqui também, observe, aquele que surge quando a repetição está fora do indivíduo nos fenômenos da natureza ou nos fenômenos dos eventos e quando o indivíduo está essencialmente despreocupado com algo em que não pode interferir essencialmente, mas no qual ele no máximo só consegue ser sensível para passar o tempo. Não deveria ser importante iluminar este ponto exatamente como corrigimos um autor “que se aventura a experimentar [*experimenterende*: construir imaginativamente] psicologia”?

Segundo o Prof. H., *há repetição no mundo do espírito individual.* Aqui, como em toda parte, ela existe apenas para o espírito contemplativo, não

como uma tarefa para a liberdade. Aqui, claramente aparente, está a confusão que o professor causou ao querer corrigir o que provavelmente — ao contrário do que eu esperava — não teve tempo de ler, mesmo que tenha sido suficientemente generoso para gastar um momento para corrigir um livro que, mais do que qualquer outro livro da literatura dinamarquesa, absteve-se de forçar ou impor-se a alguém como se tivesse algum significado. Para o Prof. H., a questão da repetição é a questão de seu significado para a contemplação. *Está* em toda parte, significa algo mais no reino do espírito do que no reino da natureza. Se estiver temporariamente ausente, o indivíduo deve esperar até que venha, e então mais uma vez [vê] o "mais" implícito na repetição. O "mais" em que a subjetividade se repete é sempre um "mais" de observação, seja de tal forma que este mais esteja na repetição e a observação "queira ver" ou veja, ou de tal forma que é antes uma expressão da observação individual em sua arbitrariedade, uma expressão da individualidade apenas estética e ambigualmente qualificada em sua relação com o objeto. Mas, assim que o indivíduo é visto em sua liberdade, a questão torna-se outra: a repetição pode ser realizada? É a repetição neste sentido preenche como tarefa de liberdade e como liberdade que dá título ao meu livrinho, e que no meu livrinho passou a ser retratado e tornado visível na individualidade e na situação, que é o ponto principal

ao psicólogo, e justifica-se procurá-lo e exigir que seja esteticamente representado por alguém que, ao contrário do psicólogo científico, muito escrupulosamente se designou como "experimenterende" [*experimenterende*: construindo imaginativamente]. Nenhuma palavra sobre a repetição entendida desta forma é encontrada no Prof. H. Em minha interpretação, a questão da repetição é formulada de uma maneira completamente diferente; em seu empenho, aponta para o religioso, que de tantas maneiras é sugerido e adequadamente expresso. Se no meu livro eu não quisesse manter apenas uma relação psicológica e estética, mas apenas dissimuladamente quisesse jogar uma peça secreta de inteligência nas mãos do leitor, em quem, como sempre tive o prazer de fazer com respeito para o meu leitor, presumi tanta familiaridade com a filosofia moderna e antiga e as questões religiosas quanto eu mesmo poderia ter, então eu facilmente teria trabalhado como a repetição progride ao longo deste caminho até que signifique expiação, que é a mais profunda expressão de repetição. Precisamente por eu ter isso em mente, tomei cuidado para não confundir mediação e repetição, porque a mediação está na imanência e, portanto, nunca pode ter diante dela a transcendência de um movimento religioso (a dialética neste ponto é apenas na direção do destino e providência), para não falar da realidade do pecado, que não pode ser anulado por qualquer

mediação. Que eu tinha isso em mente fica claro a partir de minhas caracterizações de repetição, como já citado, que é transcendente, religioso, o movimento em virtude do absurdo que começa quando alguém atinge a fronteira do maravilhoso — todos os quais declarações são sinais à pessoa que, como sempre tenho o prazer de presumir no meu leitor, conhece a formulação de questões filosóficas nas várias áreas.

O quanto o Prof. H. está longe de estar disposto a compreender a repetição como uma tarefa para a liberdade é muito óbvio na maneira como ele cita as “palavras de ouro” de Goethe. Citado dessa forma, elas devem, no máximo, ser consideradas douradas. Essas palavras são usadas para impor uma bela simpatia com a repetição na natureza. A citação é bastante longa. No início, trata-se de simpatia com a natureza. Mas a citação continua. E olhe! De repente, a citação é sobre algo diferente e, entre outras coisas, diz: “O que também deixa os sensíveis jovens ansiosos é a recorrência contínua de nossos erros, pois quão tarde aprendemos a perceber que à medida que treinamos nossas virtudes, cultivamos nossos erros.” Consequentemente, também aqui (nos fenômenos da liberdade — isto é, não há liberdade), a repetição *é*, assim como *é* na natureza. A única questão é que significado pode ter para quem pondera a

repetição, tudo de acordo com o modo como vive nela. Mas esta observação não considera o indivíduo segundo a sua liberdade, mas é logo após esta citação que o professor, que primeiro nos lembrou que o próprio Goethe atribui a falta de simpatia pela natureza e a hipochondria à leitura generalizada de autores ingleses —, e, ainda assim, é logo após essa citação que o professor expõe a dialética da repetição. Portanto, é fácil ver que a hipochondria era o resultado da ansiedade daquele jovem sensível de que seu erro se repetisse; se ele tivesse sido iniciado na dialética da repetição, ele saberia como simpatizar com a repetição.¹⁴

Interpretar a repetição como o fiz¹⁵, iluminando-a com o contraste entre brincadeira e desespero, nunca ocorreu ao professor, mas corrigir minha concepção certamente o fez. Assim que pensamos em liberdade, todo o conhecimento sério do professor sobre a repetição se desvanece como uma brincadeira. Embora relutante em abandonar o reino dos indivíduos, eu irei — em vista do professor mais uma vez deportar-se nesta discussão como o salvador e médico de toda a época — tomar um exemplo de uma ordem maior de coisas, a fim de mostrar a extensão do alcance do professor e a capacidade de ajudar qualquer época. Se a nação grega acordasse de sua letargia agora,

¹⁴Nota. Na pág. 110 o professor parece falar um pouco diferente.

¹⁵*Na margem*: retratado e ilustrado, audivelmente no pathos da paixão.

esfregasse o sono de seus olhos e refletisse sobre aquele tempo divino em que toda a população do mundo estava dividida em duas partes extremamente desiguais, em gregos e bárbaros; quando o pequeno país da Grécia possuía tudo o que era belo e glorioso e, assim, provou a justiça da divisão; quando o pequeno país da Grécia soube como proteger sua propriedade tornando o estreito desfiladeiro das Termópilas ainda mais estreito do que era por natureza, sabia como provar com a espada o que já estava decidido pelas poderosas evidências do espírito, que a divisão era justa — e agora se tornou uma questão de repetição — e então? Então o professor nos instruiu que no mundo do espírito a repetição significa algo mais do que no mundo da natureza; a questão aqui é perceber o desenvolvimento, na medida em que uma geração começa onde a outra parou. Consequentemente, se a repetição for realizada, ao observá-la perceberemos o mais que deve estar presente em relação ao que a Grécia já foi — devemos então aproveitar a oportunidade de sair e olhar as estrelas para que nossos poetas um dia possam ser capazes de relatar a localização exata das estrelas no céu na hora em que a Grécia foi regenerada e não indicar com uma simples frase, que era mais uma vez como nos velhos tempos, apenas um céu e apenas uma Grécia? A questão, entretanto, é se, olhando para as estrelas, alguém redime a repetição, assim como no jogo das desis-

tências alguém assim redime sua desistência. Mas este é apenas um exemplo maior. No indivíduo, então, a repetição aparece como uma tarefa para a liberdade, em que a questão passa a ser salvar a própria personalidade da volatilização e, por assim dizer, peão dos acontecimentos. No momento em que fica claro que o indivíduo pode se perder nos acontecimentos, no destino, perder-se de tal forma que não para de contemplar, mas se perde de tal forma que a liberdade se apodera completamente das frações da vida sem deixar vestígios, então a questão se torna manifesta, não para a indolência aristocrática da contemplação, mas para a paixão preocupada com a liberdade. Precisamente aqui está uma tarefa para a representação psicológica e ilustração que não propõem *in abstracto* — uma tese ou outra: que a liberdade é o *übergreifende* [englobante], e, no entanto, o professor Heiberg nem mesmo fez isso — mas in concreto, nos conflitos de paixão, que entende quem observa a repetição de tal maneira que a coloca seriamente em relação ao movimento e por sua vez não pensa que o movimento é um truque incluído no curso de uma dracma *zum Gebrauch* [para uso] por um ou outro decrépito *escritor* de boa literatura.

Uma vez que a correção, a qual o Prof. Heiberg graciosamente favoreceu minha exposição, é a indicada acima, é fácil ver que luz estranha agora cai sobre as citações de meu livro, que após ter renunciado ao erro anterior e ter so-

frido o castigo da correção agora¹⁶ encontraram um lugar de honra no presente dourado de Ano Novo. O coração humano é fraco e vaidoso, especialmente o coração de um autor. Ver seu nome inscrito, senão no livro da vida, no entanto no presente dourado de Ano Novo, para ser citado aqui como alguém que quase disse algo muito belo e marcante — o que mais um autor quer? E agora, se aquele cuja bondade é responsável por esta glória também se permite uma pequena liberdade inocente em ser tão irrestrito em compreender como em corrigir, não seria estúpido se não fosse capaz de ignorar isso em vista de ser levado entre os beatificados e depois lucrar com o elogio. Basilio não declara que Fígaro é estúpido por não ver que a relação do conde com Susanna pode ser de inestimável vantagem para ele, o que é inteiramente comparável ao que um autor pode alcançar quando tem a sorte de ter um homem muito distinto a tentar pensamentos inocentes e insignificantes para se tornar algo grande em uma relação indiferente e difusa.

Mas às citações. A correção, na verdade, é a seguinte: o que eu disse tem seu lugar em relação à repetição na natureza, e assim entendido as frases são muito belas e adequadas. Antigamente, as palavras e eu nos entendíamos; agora eles se tornaram tão distintos que não consigo entendê-los. Para não cansar

o leitor ao examinar cada citação, tomarei a primeira e me renderei ao meu infeliz destino de ser obrigado a agradecer ao Prof. Heiberg pela correção e a honra e de ser obrigado a causar ao leitor novos transtornos com o que eu mesmo sempre considerei e representei como insignificante. “A repetição é uma expressão crucial para o que era a lembrança para os gregos. Assim como eles ensinaram que todo saber é uma recordação, a filosofia moderna ensinará que toda a vida é uma repetição.” Sob os auspícios do professor, procuremos agora encontrar algum significado nessas palavras sobre a observação da repetição nos fenômenos naturais. Afinal, o que significa fazer essa distinção entre a observação antiga e a moderna da repetição na natureza? Mais tarde, em seu tratado, o professor elogia especificamente a observação dos gregos, sua simpatia pela repetição na natureza. No passado, as palavras tinham outro, ou, pelo menos, algum, significado. No meu livrinho, sempre falei sobre as questões da liberdade para a vida do indivíduo. A mentalidade grega era feliz em certo sentido, mas se essa felicidade cessasse, a lembrança se manifestaria como um consolo da liberdade; somente na lembrança e retrocedendo para dentro dela, a liberdade possui sua vida eterna. A visão moderna, por outro lado, deve buscar a liberdade para a frente, para que aqui a eternidade se

¹⁶*Na margem:* * já que também se encontravam sob a restrição instrutiva de uma vigilância policial especial.

abra para ele como a verdadeira repetição para a frente. Para a perspectiva grega, a eternidade, considerada do ponto de vista do instante, aparece através do passado; a visão moderna deve olhar para a eternidade, considerada do ponto de vista do instante, através do futuro. Aqui, novamente, isso significa que quando a felicidade cessa, quando a crise chega, a liberdade deve seguir em frente, não recuar. Que este é o significado realmente não é preciso de prova, e ainda há algo assim no livro, se lermos até p. 91 [ie, SV III 221], onde há uma referência a esta tese. A vida do Jovem parou, a crise chegou, ele se deparou com o problema da repetição. Eu, no entanto, em desespero abandonei minha teoria da repetição, porque minha posição também está dentro da imanência, mas agora eu apenas faço o comentário sobre ele, que faz bem em não buscar a iluminação em vez da filosofia grega", pois os gregos fazem o movimento contrário, e aqui um grego escolheria se lembrar. " Quando ele busca orientação e ajuda em Jó, a repetição nessa medida já foi descoberta há muito tempo, o que certamente nunca foi minha intenção negar, uma vez que Jó é de fato apresentado, mas por este motivo ainda pode ser absolutamente correto que a repetição em relação a uma filosofia moderna deve ser descoberta por outra mais recente. É por isso que se diz em uma continuação do que foi citado (p. 91), "A filosofia moderna não faz nenhum movimento; via de regra,

faz apenas uma comoção, e se faz algum movimento, está sempre na imanência, enquanto a repetição é e continua sendo uma transcendência". Se alguém agora pega o pensamento contido aqui sem querer me censurar por ser constantemente cuidadoso em um retrato estético e psicológico de que as coisas particulares ditas são também a fala de uma individualidade, então tudo está, creio eu, bastante claro. Se se fala de liberdade nas qualificações de imanência, então a crise e tudo o que está relacionado são apenas ilusórios, por isso também é tão fácil anulá-los. Mas tão logo isso seja apreendido com o interesse da realidade, então a distinção aparecerá prontamente entre a rememoração grega e a repetição, que entra em cena depois que todo o movimento da crise começou, mas entra precisamente pressionando para frente. Tal pressão é descrita em Jó, particularmente em sua afirmação de que está certo, pois essa apaixonada insônia da liberdade é um impulso espiritual, e de um impulso físico não há dúvida.

O que aconteceu com aquela citação aconteceu com a maioria delas: por serem convocadas pelo Reitor de Literatura, Prof. H., e corrigidas por ele *et encomio publico ornati* [e homenageados com elogios públicos], elas perderam o sentido. Mas um exemplo deve ser o suficiente. Não desejo ser a morte do leitor, de mim mesmo ou das pobres citações por tal tédio mortal.

Meu livrinho mal esperava ser tocado pelo destino dessa maneira. Eu presumi que o leitor tivesse um conhecimento bastante bem fundamentado nas várias esferas da filosofia. Com a modéstia com que se avança tais coisas para não se tornarem nojentas e ridículas aos olhos do leitor, eu revesti de leviandade e brincadeira o que se deve presumir que seja inteiramente familiar a todos. Eu havia interpretado a coisa toda com humor e, portanto, providenciei para que houvesse também uma ideia mais profunda. Mas nem por palavra nem por gesto dei a entender que queria instruir. Minha tarefa era retratar e ilustrar, e assim fiz. Quanto à situação do leitor, pensei que descobriria a ideia principal e, quer a considerasse verdadeira ou não, admitiria, no entanto, que anteriormente não a tinha pensado desta forma e na medida em que consideraria oportuno que eu escrevesse sobre isso. Ele entenderia a brincadeira e se divertiria com ela, e entenderia a cortesia com a qual eu não me permitia escrever trivialidades em tom didático, mas renunciava ao fa-

miliar para zombar no mesmo sentido que dois filólogos diriam um ao outro apenas em brincadeira que "amo" é uma forma do verbo "amavi", "amatum", "amare", embora seja verdade e seja dito com bastante seriedade aos alunos na escola. Ele entenderia a cortesia pela qual eu fui tão decorosamente dúbio quanto a instruir, mesmo no que diz respeito aos assuntos mais significativos do livro, que nem por um momento escrevi de modo que o leitor sentisse um vestígio do didático. Foi assim que escrevi; Eu estava convencido e ainda estou de que aqui e ali haveria um único leitor que, ao aprovar o livro, aprovaria ainda mais a minha escrita desta forma, onde salvei minha alma da autoimportância desumana com que a instrução é agora dada em trivialidades. Não reivindico mais nada, e mesmo que a realidade proteste, o que ainda não fez de qualquer forma de que eu saiba, não faz diferença para o assunto, pois continuarei e continuarei¹⁷ a acreditar na repetição.

—*Pap.* IV B 117 *nd*, 1843-44.

Meu caro leitor! SKS 15, 85-88.

A "repetição" era insignificante, sem qualquer pretensão filosófica, um livrinho caprichoso, julgado como bizarro

e escrito de tal forma estranha que os hereges, se possível, não deveriam ser capazes de entendê-lo. Se o livro for

¹⁷*Na margem:* não contemplando, mas agindo, para me convencer de que estou certo e [nota incompleta]

caprichoso, entretanto, seu destino é ainda mais caprichoso. Os céus e Prof. Heiberg devem saber sob qual estrela eu o escrevi e publiquei. É como bruxaria, então tudo mudou. Com a ajuda da correção do Professor, cada leitor agora vai entender isso. O único que não pode sou eu, o autor, e você, quem me permiti incomodar com carta explicativa. No entanto, é melhor que isso aconteça e que eu encoraje você a fazer isso e elogie a diretoria, que eu depois do Prof. H. tenho que agradecer pelo fato de que tudo acabou bem. Como eu pretendia, a coisa toda era uma insignificância, uma pequena brincadeira e seriedade entre si, destinadas a vocês, e na medida do possível destinadas a não serem notadas pelos outros. Agora, por outro lado, tudo mudou para melhor para a humanidade e o livro até ganhou algum significado, observado a partir do exaltado observatório da ciência. Então, alegre-se comigo, pois isso também tem não apenas seu lado belo, mas também agradável.

Não posso pedir mais nada a você. Você não será capaz de compartilhar minhas outras alegrias comigo desta forma. Tem havido o exemplo de um homem que ganhou o grande prêmio na loteria indo da sensação de alegria à sua felicidade. Foi assim que aconteceu comigo quando vi alguns dos meus pensamentos convocados pelo Reitor Magnífico de literatura ao corrigir uma *economio publico ornati*; quando eu vi meu nome inscrito, se não no Livro da Vida,

então no presente dourado de Ano Novo; me vi citado como aquele que provavelmente não disse nada 'Muito bonito e apto', no entanto quase disse algo do gênero.

A fraqueza da mente tem a mesma qualidade da morte, dissolve um ser humano, explica seu Ser em uma alegria solene, torna-o indescritivelmente feliz, como agora me tornei. Se você pudesse me ver, como em uma dança tão liricamente sobrecarregada que mal consigo ficar de pé, e enquanto eu permanecer por um momento descansando em uma posição flutuante, então eu sorrio alegremente para mim mesmo, cantolando o fim de uma conhecida canção folclórica: Viva para você e para mim, eu digo, esse dia nunca será esquecido, não, Viva para você e para mim, eu digo, esse dia nunca será esquecido. Isso é estúpido | pois não gostaria de não me alegrar. E, no entanto, essa era a única coisa que poderia impedir minha alegria. Basil não diz que Figaro é estúpido, pois não pode perceber que a relação do Sr. Conde com Susanne pode ser para ele uma vantagem incalculável, que deve ser comparada justamente com aquela que um escritor pode ter quando um homem de alto escalão lança seu olho em seus pensamentos insignificantes e despreziosos e promete-lhes, por uma relação descuidada e de longo alcance com eles mesmos, torná-los em algo grande no mundo.

Na medida em que a razão e a dú-

vida voltem uma vez, nunca ganham poder sobre mim. A Dúvida traz esta Figura: se, no entanto, não fosse possível que o professor não tivesse tido tempo de ler o livro na íntegra, «então respondo com um sorriso: esta suposição seria contra toda analogia, visto que qualquer analogia, tirada da relação com um livro muito grande, nada prova em respeito a um livro muito pequeno. A dúvida se expressa assim: se, entretanto, não deveria ser possível que o Professor, apesar de todos os seus conhecimentos filosóficos e de seu alcance sistemático, ainda em relação a alguns problemas, especialmente os religiosos, faltasse, não a velocidade necessária para explicar, mas a desejável lentidão para entender as dificuldades antes de explicá-las, então triunfa facilmente a loucura. Minha crença na conquista filosófica do Prof. Heiberg é inabalável, ele nunca decepcionou minhas expectativas. Não se elogia ninguém até que se esteja morto; mas também não se diz de ninguém que ele desapontou as expectativas enquanto vive e não realizou nada nessa direção. Além disso, o Sr. Prof fez um milagre nesta mesma ocasião. Tendo explicado a Repetição, ele também ilustrou artisticamente a Repetição, uma vez que em sua apresentação quanto “mais se ver no reino do espírito na repetição, mais isso quase abole isso como tal”, torna-se claro em relação ao que todo estudante de teologia na Universidade de Copenhague e todos na filosofia não in-

teiramente ignorante sabia de antemão. Essa repetição não apenas é para Contemplação, mas é a tarefa da liberdade, que significa a própria liberdade. O segundo poder da consciência é o *interesse* da metafísica, e também o interesse em que a metafísica está perdida, afrouxada em qualquer visão ética de *conditio sine qua non* para qualquer problema dogmático de que a verdadeira Repetição é eternidade, enquanto repetição, no entanto, (por ser perseguida psicologicamente a ponto de aparecer para a psicologia como transcendente, como movimento religioso em virtude do absurdo que ocorre quando se atinge o limite do maravilhoso), logo que o problema é dogmaticamente colocado, passou a significar a Expição, que é tão pouco um movimento religioso que é meramente dialético na direção do destino e da providência, pode ser determinado pela mediação tirada do Imamente – Tudo Isso e Tudo Aquilo, meu caro Leitor, são mal-entendidos em que só caem aqueles que não tinham conhecimento da produção da repetição que é devida ao Prof. H. e que é tão profunda quanto original. Conforme eu deixo isso claro para mim mesmo, a Mente foge e a Dúvida. Se isso me tenta mais, então eu tenho outro meio, eu venço com uma autoridade. A apresentação do Sr. Professor não provou ser profunda e clara também para o pensamento espantado do curioso Grosserer Nathanson? E Nathanson, ele é o homem que entende de ciência, que pode,

que eu deveria me permitir uma referência à ciência salvadora da época, calcular a diferença entre a altura aparente e real do polo. E Grosserer Nathanson não disse isso em um momento frívolo, mas em um momento em que a parte literária e crítica de sua revista brilha no brilho glorioso de sua alegria de Natal profunda, tranquila e solene com a literatura dinamarquesa, que espalha uma festa por tudo. Ele diz nestes dias na revista, que, apesar de sua grande seriedade, é tão elegante e meticuloso quanto todos os elegantes e meticulosos de que fala.

Meu caro leitor! Quando um livro não é maior do que "A Repetição", a pes-

soa desfruta despreocupadamente de seu destino de aventura, assim como uma criança deixa um pedaço de papel voar pela janela e vai ver aonde o vento o levará. Portanto, assim que eu tiver o desejo e a oportunidade novamente, mando um semelhante, se possível ainda mais caprichoso. Deixo isso para o destino e devo sempre agradecer a este se ele deve repetir o que aconteceu desta vez, que continua por tanto tempo que você pode ter tempo em paz e sossego para se divertir, a insignificância giratória, e que então vem a comédia, a transformação, pela qual se torna importante ao se juntar à significância do Prof. Heiberg.

* * *

Adendo

Ainda que Kierkegaard não tenha publicado seus dois esboços de resposta, *Uma carta a Heiberg* e *Uma pequena contribuição*, como Constantin Constantius, a razão parece ser por ele ter respondido numa nota de rodapé em *O conceito de angústia*, como Vigilius Haufniensis:

Com referência a essa categoria, pode-se comparar *A repetição*, de Constantin Constantius (Copenhague, 1843). Verdade

se diga que esse livro é um livro engraçado; como, aliás, o desejou o autor; mas este é o primeiro, que eu saiba, a haver captado com energia "a repetição" e a tê-la descoberto no vigor expressivo que tem o seu conceito para explicar a relação entre o étnico [pagão] e o essencialmente cristão [*det Christlige*], ao indicar o ápice invisível e esse *discrimen rerum* [ponto crítico] em que ciência

se bate contra ciência até que a nova ciência apareça. (...) Por isso Constantin diz várias vezes que a repetição é uma categoria religiosa, transcendente demais para ele, o movimento por força do absurdo, e se lê na p. 142 que a eternidade é a verdadeira repetição. De tudo isso o Sr. Prof. Heiberg nada percebeu; porém, com o seu saber que é extremamente elegante e claro como sua “dádiva de ano-novo”, bondosamente desejoso de auxiliar aquela obra a se tornar uma insignificância de muito bom gosto e elegante, levando com a maior importância a questão até o ponto onde Constantin começa, levando até o ponto em que, para lembrar um livro recente, o Esteta de *Ou-Ou* já a trouxera em *A Rotação de Culturas*. Se Constantin

se sentisse realmente lisonjeado de poder gozar da honra singular que o coloca numa companhia inegavelmente tão seleta, então, na minha opinião, após escrever o livro ele deveria ter-se tornado – como diríamos – um maluco estratosférico; mas se, por outro lado, um autor como ele, que escreve para ser mal-entendido, se esquecesse de si mesmo e não tivesse ataraxia suficiente para avaliar como lucro que o Prof. Heiberg não o tenha entendido, então outra vez seria um maluco estratosférico. E isso decerto eu não preciso temer; pois a circunstância de que até agora nada respondeu ao Prof. Heiberg indica suficientemente que ele se compreende a si próprio. (KIERKEGAARD, 2010, p. 19-20)

Referências

KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

Recebido: 24/03/2021

Aprovado: 30/07/2021

Publicado: 31/08/2021